

SUSAN HILL

A Mulher de Preto

Tradução de
Flávia Souto Maior



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2012

Para Pat e Charles Gardner

Véspera de Natal

Eram 21h30 da véspera de Natal. Enquanto cruzava o longo hall de entrada de Monk's Piece, indo da sala de jantar — onde havíamos acabado de desfrutar a primeira de muitas alegres e festivas refeições — a caminho da sala de estar e da lareira ao redor da qual minha família estava então reunida, parei e, como faço com frequência no meio da noite, caminhei até a porta da frente, abri-a e saí.

Sempre gostei de respirar o ar da noite, sentir seu cheiro, seja ele doce e suave, com a fragrância das flores do verão; pungente devido às fogueiras e às folhas decompostas do outono; ou congelante pelo gelo e a neve. Gosto de olhar em volta, para o céu sobre minha cabeça, havendo lua e estrelas ou profunda escuridão, e para a penumbra diante de mim; gosto de ouvir os gritos das criaturas noturnas e o gemido crescente ou minguante do vento, ou o bater da chuva nas árvores do pomar, gosto da rajada de ar em minha direção, subindo a colina, vinda dos pastos planos do vale do rio.

Esta noite, senti imediatamente, e com alegria, que havia ocorrido uma mudança no clima. Havia chovido durante toda a semana anterior, uma chuva fria e uma névoa que caíam sobre a casa e o campo. Da janela, o olhar alcançava no máximo 1 ou 2 metros do jardim. Era um clima miserável, parecia que nunca ficava totalmente claro, e demasiado frio e úmido também. Não havia prazer em caminhar, a visibilidade estava ruim demais para se empreender caçadas, e os cães estavam permanentemente rabugentos e cheios de lama. Dentro de casa, as luzes ficavam sempre acesas durante o dia, as paredes da despensa, da casinha e do porão escorriam de umidade, exalando um cheiro acre, e o fogo nas lareiras soltava faísca e fumaça, melancolicamente fraco.

Meu estado de espírito foi, por muitos anos, excessivamente afetado pelo clima, e confesso que, não fosse pelo ar de alegria e agitação que prevalecia no restante da casa, eu poderia estar um tanto quanto deprimido e letárgico, incapaz de aproveitar os sabores da vida como deveria e irritado com minha própria suscetibilidade. Mas Esmé não se irrita com o clima severo, ela o toma como uma provocação vigorosa, então os preparativos para o nosso Natal esse ano foram mais do que amplos e abundantes.

Dei um ou dois passos adiante, saindo da sombra da casa de modo que pudesse olhar para os arredores iluminados pelo luar. Monk's Piece fica no ponto de terra mais alto, cerca de 120 metros acima de onde o pequeno

rio Nee segue seu caminho sinuoso de norte a sul através dessa fértil e protegida região do país. Abaixo de nós há pastos, intercalados com pequenas áreas em que se misturam diferentes árvores latifoliadas. Mas atrás de nós, por vários quilômetros quadrados, há uma área bem diferente de arbustos duros e charneca, um pedaço de rusticidade no meio de campos bem-cultivados. Estamos a pouco mais de 3 quilômetros de uma vila de bom tamanho, 11 da principal cidade mercado, e ainda assim há um ar de distanciamento e isolamento que nos faz sentir bem mais afastados da civilização.

A primeira vez que vi Monk's Piece foi em uma tarde de verão, quando andava de charrete com o Sr. Bentley. Ele fora meu empregador, mas recentemente eu havia me tornado sócio pleno na empresa de advocacia à qual me vinculara quando jovem (e com a qual, de fato, permaneci durante toda a minha vida de trabalho). Na época, ele estava beirando a idade em que começara a se sentir inclinado a deixar escapar os domínios da responsabilidade, pouco a pouco, de suas mãos para as minhas, embora tenha continuado a viajar ao nosso escritório em Londres pelo menos uma vez por semana, até morrer aos 82 anos. Mas ele estava se tornando cada vez mais um habitante do campo. Não era homem de caça e pesca, em vez disso estava imerso nos papéis de juiz de paz local e representante da igreja, chefe desta, daquela e daquela outra comissão da região e da paróquia, além dos comitês e corpos diretivos. Fiquei tão aliviado quanto satisfeito quando ele finalmente

me tornou sócio pleno depois de tantos anos, mas ao mesmo tempo acreditava que a posição era mais do que merecida, pois fiz minha cota de trabalho braçal e carreguei uma pesada carga de responsabilidade por supervisionar as riquezas da empresa sem, eu achava, receber uma recompensa adequada — pelo menos em termos de cargo.

Então uma vez eu estava sentado ao lado do Sr. Bentley em uma tarde de domingo, desfrutando da vista campestre verde e esporífera por sobre a cerca de espinheiro, quando ele deixou o pônei pegar a estrada de volta, a passos vagarosos, em direção a sua mansão um pouco feia e de uma imponência um tanto quanto excessiva. Para mim, era raro relaxar, ficar sem fazer nada. Em Londres, vivia para o trabalho, exceto por algum tempo livre que eu gastava estudando e colecionando aquarelas. Eu tinha 35 anos na época, e era viúvo há 12. Não tinha gosto algum pela vida social e, embora tivesse boa saúde, tinha propensão a algumas doenças nervosas, como resultado de experiências que relatarei adiante. Verdade seja dita, eu estava envelhecendo bem antes do tempo. Era um homem melancólico, de pele pálida, expressão tensa — enfim, uma pessoa enfadonha.

Comentei com o Sr. Bentley sobre a calma e suavidade do dia e depois de um olhar de relance em minha direção, ele disse:

— Você deveria começar a pensar em comprar algo por aqui. Por que não? Um chalezinho bonito, lá em-

baixo, talvez? — E apontou com o chicote para um pequeno vilarejo enfiado em uma curva do rio, paredes brancas aquecendo-se com o sol da tarde. — Saia da cidade uma dessas sextas-feiras, comece a caminhar e encha-se de ar fresco e bons ovos com nata.

A ideia tinha seu charme, mas ele era distante, aparentemente sem nenhuma relação comigo, então apenas sorri e respirei a fragrância quente da grama e das flores do campo e observei a poeira levantada pelos cascos do pônei, e não pensei mais naquilo. Na realidade, apenas até chegarmos a um trecho da estrada que passava por uma casa de pedras comprida, de proporções perfeitas, construída em um acive com uma vista arrebatadora de todo o vale do rio, estendendo-se por quilômetros de distância até a linha violeta formada pelas colinas a distância.

Naquele momento, fui tomado por algo que não consigo descrever precisamente, uma emoção, um desejo — não, era ainda mais: uma percepção, uma simples *certeza*, que me capturou, e tornou tudo tão claro e impressionante que eu gritei involuntariamente para o Sr. Bentley parar. Antes mesmo de ele ter tempo para isso, desci da charrete e fiquei parado sobre um montículo coberto de grama, primeiro olhando fixamente para a casa, tão bela, completamente adequada para a posição que ocupava — uma casa modesta, mas ainda assim confiante —, e depois para o campo além dela. A sensação que eu tinha não era a de já ter estado ali antes, mas uma convicção absoluta de que voltaria, de

que a casa já era minha, de que estava ligada a mim de maneira invisível.

Em um dos lados, um riacho corria em meio a pequenos declives, na direção de uma campina, onde serpenteava até o rio.

O Sr. Bentley agora me olhava com curiosidade de cima da charrete.

— Um excelente lugar — disse ele.

Concordei com a cabeça, mas, incapaz de partilhar com ele qualquer uma de minhas emoções extremadas, virei-lhe as costas e andei alguns metros acima até um ponto de onde se podia ver a entrada para o velho e abandonado pomar que ficava atrás da casa e acabava em grama alta e bosque cerrado do outro lado. Além disso, olhei de relance o perímetro, uma área aberta de aparência um pouco rústica. O sentimento de convicção que descrevi ainda estava em mim e eu me lembro de ter me alarmado com isso, pois nunca fui homem de imaginação fértil, ou fantasioso, e certamente nem um pouco dado a visões do futuro. Na verdade, desde aquelas primeiras experiências, evitei deliberadamente todo tipo de contemplação de qualquer questão remotamente imaterial e me ative ao prosaico, ao visível e ao tangível.

No entanto, quase não consegui escapar da crença — não, preciso de uma palavra melhor — da certeza de que essa casa um dia seria meu lar, de que, mais cedo ou mais tarde, embora não tivesse ideia de quando, eu me tornaria dono dela. Quando finalmente aceitei e ad-

miti isto para mim mesmo, experimentei uma sensação profunda de paz e satisfação que não sentia há muitos e muitos anos, e foi com alegria que voltei à charrete, onde o Sr. Bentley me esperava um tanto curioso.

O sentimento avassalador que vivenciei em Monk's Piece permaneceu comigo, embora não no primeiro plano de minha mente, quando deixei o interior naquela tarde para voltar a Londres. Eu havia dito ao Sr. Bentley que se ele ouvisse algo sobre a casa ser posta à venda, gostaria imensamente que me avisasse.

Alguns anos depois, ele o fez. Entrei em contato com os representantes no mesmo dia, algumas horas mais tarde, sem sequer voltar para ver a casa, fiz uma oferta e ela foi aceita. Meses antes, eu havia conhecido Esmé Ainley. Nossa afeição um pelo outro crescia cada vez mais, mas, amaldiçoado como ainda estava por minha natureza hesitante em relação a todas as questões pessoais e emocionais, não disse nada sobre minhas intenções para o futuro. No entanto, eu tinha razão suficiente para considerar as notícias sobre Monk's Piece como um bom presságio, e uma semana depois que me tornei formalmente dono da casa, viajei para o interior com Esmé e a pedi em casamento em meios às árvores do velho pomar. Essa oferta também foi aceita, e logo depois nos casamos e mudamos imediatamente para Monk's Piece. Naquele dia, eu acreditei de verdade que finalmente havia saído debaixo da grande sombra lançada pelos acontecimentos do passado, e vi por seu rosto, e senti pela ternura de seu aperto de mão, que o

Sr. Bentley também acreditava, e que uma carga havia sido tirada de seus próprios ombros. Ele sempre se culpava, pelo menos em parte, pelo que havia acontecido comigo —, afinal, fora ele quem me enviara naquela primeira viagem para Crythin Gifford, à Casa do Brejo da Enguia e ao funeral da Sra. Drablow.

Mas tudo isso não poderia estar mais longe de meus pensamentos, pelo menos dos conscientes, no momento em que eu estava ali parado, respirando o ar da noite na porta de minha casa naquela véspera de Natal. Já faz quase 14 anos que Monk's Piece tem sido o mais feliz dos lares — meu e de Esmé, e dos quatro filhos de seu primeiro casamento com o capitão Ainley. Nos primeiros dias, eu vinha para cá apenas aos fins de semana e feriados, mas a vida e o trabalho em Londres começaram a me irritar desde o dia que comprei esse lugar e fiquei realmente contente em me aposentar permanentemente no campo na primeira oportunidade que tive.

E agora, era nesse lar feliz que minha família se refugiava mais uma vez para o Natal. Daqui a pouco eu iria abrir a porta da frente e ouvir o som de suas vozes na sala de estar — a não ser que fosse intimado abruptamente por minha esposa, queixando-se sobre o perigo de eu pegar um resfriado. Fazia muito frio e finalmente havia clareado. O céu estava tomado por estrelas e a lua cheia exibia um halo de gelo. A umidade e a neblina da semana passada haviam se retirado em silêncio como ladrões durante a noite, os caminhos e paredes de pe-

dra da casa brilhavam levemente, e minha respiração fazia fumaça no ar.

Lá em cima, no sótão, os três filhos pequenos de Isabel — netos de Esmé — dormiam com meias amarradas à coluna da cama. Não haveria neve para eles no dia seguinte, mas o dia de Natal pelo menos seria claro e alegre.

Havia algo no ar aquela noite, algo, eu suponho, como uma memória de minha própria infância, juntamente com uma infecção que peguei dos garotos, que me deixou agitado, apesar de minha idade já avançada. Algo talvez anunciasse que minha paz de espírito estava prestes a ser perturbada, e que lembranças que eu achava estarem mortas para sempre seriam despertadas, embora eu naturalmente não tivesse ideia. Que eu fosse mais uma vez renovar minha familiaridade, ao menos no curso de recordações vívidas e sonhos, com o horror mortal e o terror no espírito, parecia algo impossível naquele momento.

Dei mais uma olhada na escuridão fria, suspirei com satisfação, chamei os cachorros e entrei, preparando-me para nada mais do que um cachimbo e um copo de um bom uísque ao lado do fogo crepitante da lareira, na agradável companhia de minha família. Ao cruzar o hall e entrar na sala de estar, senti uma onda de bem-estar, do tipo que tenho experimentado regularmente ao longo da minha vida em Monk's Piece, uma sensação que leva naturalmente a outra, de sincera gratidão. E, de fato, fiquei grato por ver minha família protegida

ao redor da grande lareira cujo fogo Oliver estava, naquele momento, fazendo crescer perigosamente, com chamas ferozes, com a adição de um grande galho de macieira de uma velha árvore que havia sido derrubada do pomar no outono anterior. Oliver é o mais velho dos filhos de Esmé, e na época, assim como hoje em dia, parecia-se tanto com sua irmã Isobel (sentada ao lado de seu marido, o barbado Aubrey Pearce) quanto com o irmão de idade próxima, Will. Todos os três têm bons rostos ingleses, simples e inocentes, ligeiramente redondos, com cabelos, sobrancelhas e cílios castanhos, mesma cor dos de sua mãe antes de ficar cheia de grisalhos.

Naquela época, Isobel tinha apenas 24 anos, mas já era mãe de três filhos pequenos, e estava pronta para produzir mais. Tinha o ar pesado e sossegado de uma matrona e uma inclinação para supervisionar e cuidar de seu marido e seus irmãos, assim como dos próprios filhos. Ela era a mais sensível e responsável das filhas, carinhosa e amável, e parecia ter encontrado no calmo e equilibrado Aubrey Pearce um parceiro ideal. Apesar disso, já flagrei Esmé olhando para ela com tristeza, e mais de uma vez ela já exprimiu, gentilmente e apenas para mim, o desejo de que Isobel fosse um pouco menos séria, um pouco mais animada, ou até mesmo fútil.

Com toda sinceridade, eu não poderia desejar o mesmo. Não poderia desejar que qualquer coisa perturbasse a superfície daquele mar calmo.

Oliver Ainley, na época com 19 anos, e seu irmão Will, apenas 14 meses mais novo, eram igualmente sérios, jovens sóbrios de coração, mas no momento ainda desfrutavam da exuberância dos fedelhos, e de fato me parecia que Oliver demonstrava pouquíssimos sinais de maturidade para um jovem que cursava o primeiro ano em Cambridge e estava destinado, se meu conselho fizesse efeito, a uma carreira em advocacia. Will estava deitado de bruços diante da lareira, rosto aceso, queixo apoiado nas mãos. Oliver sentou-se ao lado, e de vez em quando suas longas pernas se engalinhavam, chutes e empurrões, acompanhados de gargalhadas repentinas por qualquer motivo, como se tivessem voltado a ter 10 anos.

O mais novo dos Ainley, Edmund, sentou-se um pouco afastado, mantendo, como era de costume, uma pequena distância de qualquer outra pessoa, não por inimizade ou mau humor, mas devido a uma meticulosidade e comedimento inatos, um desejo de ser um tanto quanto reservado, que sempre o diferenciou do restante da família de Esmé, assim como ele era diferente dos outros na aparência. Era pálido, tinha o nariz longo, os cabelos de uma negridão extraordinária e olhos azuis. Edmund tinha, então, 15 anos. Eu o conhecia menos do que os outros, quase não o entendia, sentia-me desconfortável em sua presença e, ainda assim, talvez de um modo estranho, amava-o mais profundamente do que aos outros.

A sala de estar de Monk's Piece é comprida e baixa, com janelas grandes em cada um dos lados. No mo-

mento tinha as cortinas fechadas, mas durante o dia entrava muita luz pelo norte e pelo sul. Naquela noite, guirlandas e adornos de folhagem fresca, colhida naquela tarde por Esmé e Isobel, estavam pendurados sobre a lareira de pedra, e entrelaçados às folhas havia frutinhas e laços vermelhos e dourados. Do outro lado da sala estava a árvore, com velas e enfeites, e debaixo dela havia uma pilha de presentes. Havia flores também, vasos de crisântemos brancos e, no centro do cômodo, sobre uma mesa redonda, uma pirâmide de frutas douradas e uma tigela de laranjas fincadas com cravos, enchendo o ar com seu aroma que misturava-se ao dos ramos e à fumaça da madeira, formando o perfume do Natal.

Sentei em minha poltrona, afastei-a um pouco da chama ardente da lareira, e comecei o demorado e reconfortante processo de acender um cachimbo. Enquanto o fazia, dei-me conta de que havia interrompido os outros no meio de uma conversa animada, e que Oliver e Will estavam no mínimo agitados para continuar.

— Bem — eu disse, dando as primeiras e discretas pitadas em meu tabaco —, e o que é tudo isso?

Houve uma pausa e Esmé balançou a cabeça, levantando os olhos do bordado e sorrindo.

— Venha...

Então Oliver ficou de pé e começou a andar pela sala, apagando rapidamente todas as luzes, menos as da árvore de Natal do outro lado, de forma que, quando

voltou a seu lugar, tínhamos apenas a luz da lareira para vermos uns aos outros, e Esmé foi obrigada a deixar a costura de lado — sem qualquer resmungo de protesto.

— É melhor fazermos o serviço direito — disse Oliver com certa satisfação.

— Ah, garotos...

— Agora vamos, Will, é sua vez, não é?

— Não, é a vez de Edmund.

— Ha-ha — disse o mais novo dos irmãos Ainley, com uma voz estranha e profunda. — Vocês mal podem esperar!

— *Precisamos* ficar com as luzes apagadas? — disse Isobel, como se falasse com meninos muito mais novos.

— Sim, mana, precisamos, isto é, se quiser criar um clima autêntico.

— Mas não sei se quero.

Oliver soltou um lamento grave.

— Alguém pode continuar?

Esmé se inclinou em minha direção.

— Eles estão contando histórias de fantasmas.

— Sim — disse Will, sua voz instável devido à empolgação e às risadas. — É ideal para a véspera de Natal. Uma antiga tradição!

— A casa de campo isolada, os hóspedes reunidos ao redor da lareira em uma sala escura, o vento uivando no caixilho da janela... — murmurou Oliver novamente.

E então ouviu-se a voz impassível e bem-humorada de Aubrey:

— Melhor continuar, então.

E eles o fizeram. Oliver, Edmund e Will competiam uns com os outros para contar a história mais assustadora e horripilante, com os efeitos mais dramáticos e os gritos mais aterrorizantes. Eles se superavam nos extremos da criatividade, acumulando um tormento sobre o outro. Falaram de paredes de pedra com gotteiras em castelos inabitados, de ruínas de um monastério cobertas de hera iluminadas ao luar, de quartos secretos trancados, calabouços escondidos, sepulturas úmidas e cemitérios abandonados, de barulho de passos em escadarias e dedos batendo no caixilho de janelas, de uivos e gritos, grunhidos e pessoas correndo, sons metálicos de correntes, de monges encapuzados e cavaleiros sem cabeça, névoas que ondulavam e ventos repentinos, espectros incorpóreos e criaturas cobertas, vampiros e sanguinários, morcegos e ratos e aranhas, homens encontrados ao amanhecer e mulheres que ficaram com os cabelos brancos e loucas de pedra, de cadáveres desaparecidos e herdeiros amaldiçoados. As histórias ficavam cada vez mais violentas, selvagens e tolas, e logo os sustos e gritos transformaram-se em surtos de risada, enquanto cada um, até mesmo a gentil Isobel, contribuía com detalhes cada vez mais horripilantes.

A princípio fiquei entretido, tolerante, mas conforme permanecia sentado ali, escutando, à luz da lareira, comecei a me sentir afastado de todos eles, um estranho em seu círculo. Estava tentando suprimir

meu crescente desconforto, refrear o fluxo de lembranças.

Era um esporte, um jogo eufórico e inocente entre jovens no período das festas, e também uma antiga tradição, como Will havia dito com razão. Não havia nada para me atormentar ou perturbar, nada que eu pudesse condenar. Eu não queria ser um estraga-prazeres, velho, rabugento, sem imaginação; ansiava por fazer parte do que não passava de uma boa diversão. Lutando comigo mesmo, afastei a cabeça da luz da lareira para que ninguém pudesse ver minha expressão, que eu sabia ter começado a mostrar sinais de embaraço.

E então, para acompanhar o último uivo de *banshee* de Edmund, a lenha que queimava na lareira cedeu repentinamente e, depois de levantar algumas faíscas e cinzas, apagou-se, de forma que ficamos quase no escuro. Em seguida, fez-se silêncio na sala. Eu estremei. Queria me levantar e acender todas as luzes novamente, ver o brilho e as cores da decoração natalina, ter a lareira acesa de novo, cheia de alegria, queria expulsar o calafrio que me atingiu e a sensação de medo em meu peito. Mas não conseguia me mexer, por um momento aquilo me paralisou, como sempre acontecera. Era uma sensação que já fora familiar demais e estava esquecida há tempos.

Então, Edmund disse:

— Agora vamos, padraсто, é a sua vez — E os outros se juntaram ao pedido, quebrando o silêncio com sua insistência, à qual até Esmé se juntou.

— Não, não — tentei fazer graça. — Não tenho nada a dizer.

— Ah, Arthur...

— Você deve conhecer pelo menos *uma* história de fantasmas, padrasto, todos conhecem *alguma*...

Ah, sim, sim, de fato. O tempo todo que passei ouvindo suas invenções mórbidas e fantasmagóricas, seus uivos e grunhidos, o único pensamento que passou pela minha cabeça, e a única coisa que poderia ter dito era: “Não, não, nenhum de vocês tem a menor ideia. Isso é tudo bobagem, fantasia, não é assim. Nada tão cheio de sangue e putrefato e tosco — não é tão... tão risível. A verdade é bem diferente, e muito mais terrível.

— Vamos *lá*, padrasto.

— Não seja desmancha-prazeres.

— Arthur?

— Vá em frente, padrasto, não vai nos decepcionar, não é?

Eu me levantei, incapaz de suportar aquilo por mais tempo.

— Sinto muito desapontá-los — eu disse —, mas não tenho história para contar! — E saí rapidamente da sala e da casa.

Uns 15 minutos depois, recobrei o juízo e me vi no terreno atrás do pomar, com o coração batendo forte, a respiração entrecortada. Havia caminhando num frenesi agitado, e então, percebendo que deveria fazer um esforço para me acalmar, sentei-me sobre uma antiga pedra coberta de musgo e comecei a respirar de ma-

neira uniforme, inspirando e contando até dez, depois expirando novamente, até sentir a tensão começar a diminuir dentro de mim e meu pulso recuperar um pouco da estabilidade, minha cabeça mais clara. Depois de mais algum tempo, fui capaz de perceber mais uma vez meu entorno, notar a nitidez do céu e o brilho das estrelas, a frieza do ar e a fragilidade da grama congelada sob meus pés.

Atrás de mim, na casa, percebi que provavelmente deixara a família em estado de consternação e perplexidade, pois sempre me conheceram como um homem calmo, de emoções previsíveis. Quanto ao motivo de terem estimulado minha aparente reprovação ao contar algumas histórias bobas e incitado um comportamento tão seco, a família toda ficaria confusa, sem entender, e logo mais eu deveria voltar para eles, desculpar-me e me esforçar para apagar o incidente, renovar alguma coisa do ar de alegria. O que eu não seria capaz de fazer era explicar. Não. Ficaria animado, e voltaria a ser equilibrado, ao menos pelo bem de minha esposa, mas isso seria tudo.

Eles haviam me chamado de estraga-prazeres, tentando me encorajar a contar uma história de fantasma que eu certamente deveria, como qualquer outro homem, conhecer. E estavam certos. Sim, eu tinha uma história, uma história real, uma história de assombração e maldade, medo e confusão, horror e tragédia. Mas não era uma história para ser contada como entretenimento casual, ao redor da lareira, na véspera de Natal.

No fundo, sempre soube que aquela experiência nunca me abandonaria — que estava entremeada em minhas fibras, uma parte inextricável de meu passado —, mas esperava jamais ser obrigado a recordá-la consciente e integralmente de novo. Como uma antiga ferida, havia uma pontada de dor de vez em quando, mas cada vez menos frequente e menos dolorosa à medida que os anos se passavam e minha alegria, sanidade e equilíbrio pareciam garantidos. Ultimamente, era como a ondulação distante formada em um lago, apenas a fraca lembrança de uma lembrança.

Mas então, naquela noite, encheu de novo a minha mente, excluindo todo o resto. Eu sabia que não teria descanso, que acabaria ficando acordado, suando frio, pensando naquela época, naqueles acontecimentos, naqueles lugares. Foi assim noite após noite, durante anos.

Levantei-me e comecei a perambular novamente. O Natal era no dia seguinte. Não poderia me livrar daquilo pelo menos nesse período abençoado? Não havia como manter a lembrança, e os efeitos que exercia sobre mim, encurralados, como quando um analgésico ou bálsamo protelam a dor de um ferimento, pelo menos temporariamente? E então, parado em meio aos troncos das árvores frutíferas, sob o luar prateado, lembrei-me que a forma de banir um velho fantasma que continua com suas assombrações é exorcizá-lo. Bem, então o meu deveria ser exorcizado. Eu deveria contar minha história. Não em voz alta, diante da lareira. Não

como diversão para ouvintes ociosos — era demasiado solene e real para isso. Mas eu deveria colocá-la no papel, com todo o cuidado e todos os detalhes. Eu escreveria minha própria história de fantasma. Então talvez pudesse finalmente ficar livre disso pelo resto da vida que ainda tivesse para viver.

Decidi logo de cara que deveria ser, pelo menos enquanto estivesse vivo, uma história apenas para os meus olhos. Fora eu que havia sido assombrado, eu que havia sofrido — não era o único, sem dúvida, mas certamente — pensei —, o único que ainda estava vivo. Eu era o único que, a julgar por minha agitação naquela noite, ainda era profundamente afetado por isso, e fora apenas por mim que o fantasma se sentira atraído.

Olhei para a lua e para a extremamente brilhante estrela Polar. Véspera de Natal. Então rezei uma prece sincera e simples pedindo paz de espírito, força e equilíbrio para suportar enquanto completava o que seria uma tarefa muito agonizante, e rezei pedindo uma bênção para minha família, e que todos pudéssemos descansar aquela noite. Embora estivesse no controle de minhas emoções naquele momento, temia as horas de escuridão que se seguiriam.

Como resposta às minhas preces, lembrei-me imediatamente de alguns versos de um poema, versos que um dia soube, mas estavam esquecidos há muito tempo. Depois, recitei-os em voz alta a Esmé, e ela logo identificou a fonte para mim.

Diz-se que sempre que chega o tempo
em que se celebra o nascimento de Nosso Salvador,
A ave da alvorada canta a noite toda.
E então, diz-se, nenhum espírito ousa vagar;
As noites são límpidas, nenhuma estrela brilha;
As fadas não encantam, nem as bruxas enfeitiçam,
Tão sagrada e graciosa é tal época.

Ao recitar os versos em voz alta, uma grande paz tomou conta de mim; eu estava completo novamente, fortalecido por minha resolução. Depois do feriado, quando a família toda fosse embora e Esmé e eu estivéssemos sozinhos, começaria a escrever minha história.

Quando retornei a casa, Isobel e Aubrey haviam subido para compartilhar o prazer de encher sorratamente as meias de seus filhos de presentes, Edmund lia, Oliver e Will estavam na velha sala de jogos no outro extremo da casa, onde havia uma mesa de bilhar surrada, e Esmé arrumava a sala de estar antes de ir para a cama. Sobre o incidente daquela noite, não foi dito nada em absoluto, embora ela levasse uma expressão ansiosa, e eu tenha tido que inventar um episódio de indigestão aguda para justificar meu comportamento abrupto. Ocupei-me do fogo, extinguindo as chamas, e bati o cachimbo ao lado da lareira, sentindo-me calmo e sereno novamente, e não mais agitado ao pensar nos terrores solitários que teria que suportar, fosse dormindo ou acordado, durante as altas horas da noite que viria.

No dia seguinte seria Natal, e eu esperava sua chegada ansiosamente e com satisfação. Seria um período de felicidade e júbilo em família, de amor e amizade, de alegria e riso.

Quando terminasse, eu teria trabalho a fazer.